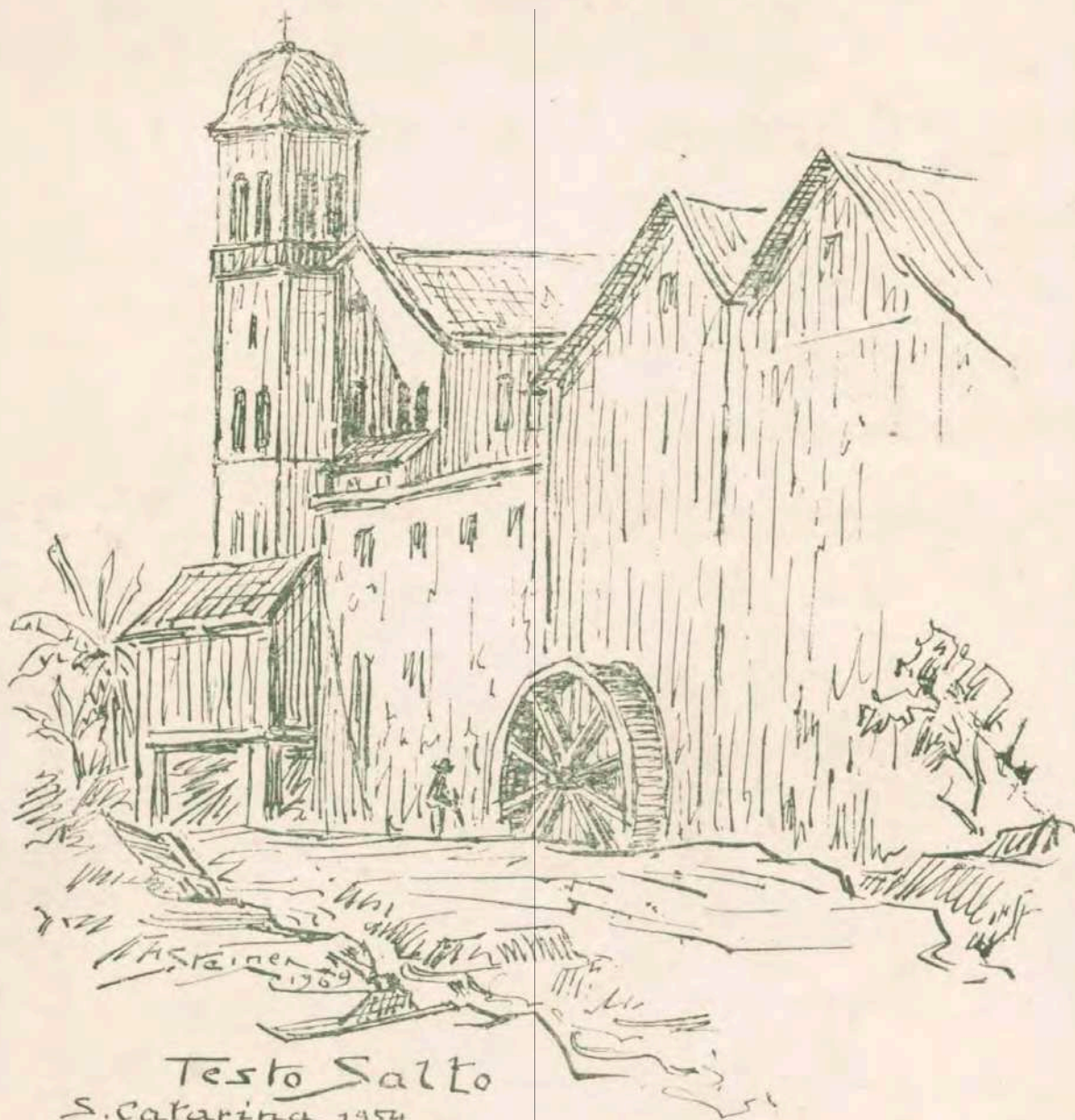


# Blumenau em Ladornos



TOMO XI - ★ SETEMBRO DE 1970 ★ - Nº. 9

CANTO DOS COOPERADORES

**ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER GRAÇAS  
À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO DOS  
SEGUINTEs COOPERADORES:**

*Cremer S/A. — Produtos Têxteis e Cirúrgicos*

*Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.*

*Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.*

*Artex S/A*

*Dr. Henrique Hacker — Blumenau.*

*José Sanches Júnior — S. Paulo.*

*Prefeitura Municipal de Blumenau.*

*Companhia de Cigarros Souza Cruz.*

*Empresa Industrial Garcia S/A.*

*Arthur Fouquet — Blumenau.*

*Tecelagem Kühnrich S/A.*

*Eletro Aço Altona S/A.*

# Blumenau

## em Ladernos

TOMO XI — ★ SETEMBRO DE 1970 ★ N.º 9

### O Primeiro assalto dos indígenas à colônia de Blumenau

*Karl KLEINE*

O presente trabalho foi publicado em língua alemã, pelo "Colonie-Zeitung", de Joinville, n.º 4, de 14 de janeiro de 1908.

O episódio foi vivido pelo imigrante Fritz Koegler e por este narrado a Karl Kleine que o redigiu. A tradução portuguesa é de nosso diretor Ferreira da Silva.

Eu cheguei em Blumenau a 18 de dezembro de 1852. Nove dias depois, um pouco após o Natal, portanto, deu-se o assalto dos selvagens que eu jamais esquecerei.

A sede de Blumenau situava-se junto ao ribeirão denominado "Velha" cêrca de um quarto de hora distante da foz do Garcia. Ali o Dr. Blumenau que não assistiu ao acontecimento, porque se achava viajando, fêz as primeiras tentativas de colonização. Só mais tarde a sede foi transferida para o Garcia.

Naquele tempo, entretanto, no lugar denominado de povoação, não havia mais que algumas roças recém queimadas e uns miseráveis ranchos de palmitos. Éramos, ao todo, bem poucos colonos que nos distribuíamos entre a Velha e o Garcia.

No princípio, eu segui o exemplo de outros. Empreguei-me a serviço do Dr. Blumenau, por um salário muito baixo. Trabalho havia bastante, mas o dinheiro era escasso, de sorte que eu me dei por feliz de ter encontrado onde me encostar.

A 27 de dezembro fui mandado, com três outros camaradas: Hohl, Lucas e Josiger até o Garcia para roçar o mato. Como tivéssemos que levar conosco uma junta de bois, seguimos por terra, pela picada. Lucas, que estava encarregado de puxar as toras de madeira ia à frente, guiando a junta de bois. Ao entrarmos no mato, pareceu-nos que os bois, comumente sempre bem dispostos, negavam-se a ir em frente e demonstravam grande agitação.

É claro que todos nós íamos bem armados. Hohl, Lucas e Josiger

levavam além de seus facões de mato, pistolas de dois canos e eu tinha uma carabina nova.

Ninguém pensava em perigo, pois havia a crença geral de que os bugres, ao ouvirem o primeiro tiro, pôr-se-iam em fuga. Não havíamos, até então, encontrado alguma pegada de onça e mesmo nós tínhamos essa fera por muito menos perigosa do que realmente era. Nós tínhamos sido enérgicamente recomendados a não entrar no mato sem uma arma de fogo. Essa ordem, aliás, seria supérflua, pois naquele tempo havia muita caça e nós todos, sem exceção, éramos caçadores apaixonados.

Mal havíamos chegado ao local, com os bois, e dado início aos nossos trabalhos quando ouvimos uns como rugidos surdos, porém penetrantes, que pareciam vir do lado do Velha. Paramos de trabalhar e escutamos.

"Que teria sido?" perguntei aos meus camaradas. "São os monos", sugeriu Hohl. A mim me parecia outra coisa, mas como era novato e Josinger era de opinião de Hohl, não contestei. Enquanto estávamos parados e escutando, Lucas chegou correndo e já de longe foi gritando: "Vocês ouviram? Alguma coisa está acontecendo lá em cima".

"Qual o quê, retrucou Hohl, aquilo são monos". "Talvez até possa ser algum tigre", insinuou Josinger'. "Não, não! retrucou Hohl, são monos"; Lucas reafirmou com segurança: "Não são nem monos nem tigres. Está acontecendo alguma coisa!".

Depois de termos ouvido os estranhos gritos, voltaram êles a repetir-se após um pequeno espaço de tempo, muito mais fortes ainda. Assustamo-nos e Hohl e Josinger concluíram que nunca tinham ouvido uma gritaria assim.

De repente, o barulho cessou. Metemo-nos a conjecturar o que seria aquilo, sem chegar a uma conclusão.

Quando nos dispúnhamos a voltar ao trabalho, ouvimos o barulho de remos um pouco acima. Apressamo-nos até o rio e vimos um dos três camaradas que deixáramos na Velha de nome Fritz Deschamps, vindo de canoa, rio abaixo. O enorme esforço que êle fazia demonstrava que algo de extraordinário teria acontecido. Ao ver-nos, êle gritou algumas palavras das quais só entendemos uma: "bugres".

Então compreendemos o que tinha acontecido. Tomados de grande excitação e agitados por graves preocupações, temendo que os camaradas que deixáramos no Velha estivessem em perigo e que nós poderíamos chegar tarde demais para socorrê los, ficamos muitos excitados. Hohl correu quanto pôde, para alarmar os poucos moradores, margem acima da "Stadtplatz". Nesse meio tempo, Deschamps insistia arquejante: "Depressa, depressa! Os Bugres atacaram Schramm e Toepel. Eu estava, justamente, apanhando água no rio e pude ainda escapar para vir buscar vocês. Por amor de Deus, vamos ligeiro, ligeiro, senão êles estão perdidos!"

Sem fazer qualquer outra pergunta, pulamos na canoa e tocamos rio acima. Por sorte, havia na canoa outros remos e a canoa como que voava. Não pronunciamos palavras. Todos se esforçavam ao máximo, pois ca-

da minuto era precioso. Assim, alcançamos depressa a nossa meta. Devido à altura do barranco da margem do rio não podíamos ver as casas e nem ouvimos barulho algum. Esse estranho silêncio parecia-nos de mau presságio. As enormes apreensões fizeram-nos desprezar tôdas as cautelas. Antes mesmo que a canoa encostasse, pulamos todos fora. Cada qual queria ser o primeiro a socorrer os companheiros ameaçados.

Josiger jogou-se tão infelizmente, que a sua pistola disparou e o tiro feriu-o na cabeça. Felizmente, o ferimento foi bem leve.

Isso, entretanto, obrigou-nos a um pequeno atraso. Eu não me importei mais com o ferido e atirei-me barranco acima. A casa era rodeada de uma cêrca e ficava muito próxima à margem do Velha que limitava o pasto e o mato.

As roças ficavam do outro lado do ribeirão. Fora da cêrca que passava bem perto da casa, estavam sete bugres, armados de arco e flexas. Um pouco mais adiante, em uma elevação estava outro sujeito de estatura gigantesca, que dizia alguma coisa aos demais e acenava-lhes com as mãos. No pátio havia um outro selvagem, inclinado para a frente. Do ponto em que eu me encontrava observando, não foi possível ver o que êle estava fazendo.

Dos nossos dois camaradas, Toepel, a quem nós apelidáramos de "Vetter" (Primo), e Schramm não havia sinal. O sujeito grande, na elevação, devia ser o cacique. Êle permanecia um tanto longe, mas eu estava armado com uma excelente espingarda. Deitei-me e pus o grandão na mira, mas antes que eu desse ao gatilho, ouviu-se um tiro, partindo da janela do sótão. Isso foi uma grande surpresa porque eu já acreditava os nossos companheiros mortos. Fiquei como que magnetizado a olhar para a casa que nem notei que os meus companheiros haviam subido a margem e observavam a cena.

Com o estampido do tiro, o bugre que estava no pátio deu um pulo e levantando os braços saltou a cerca, correu um pouco e caiu ao chão; arrancou um punhado de grama com que cobriu o ferimento. Depois levantou-se novamente, correu por um pouco e foi ao chão outra vez. Engatinhando, êle adiantou-se um pouco e levantando-se mais uma vez, dirigiu-se correndo rumo ao Velha, exatamente no lugar onde hoje está a ponte e desapareceu entre as plantações.

Os demais selvagens, ouvindo o tiro, tomaram-se de enorme pânico; uns jogaram-se ao chão, outros davam saltos e atiravam fora as armas. Depois todos correram, como possessos, para o mato. Com êles também o cacique desapareceu.

Imediatamente depois do tiro, Schramm apareceu na janela do sótão com a espingarda ainda fumegando, olhando os fugitivos. Atrás dêle, seguindo igualmente os bugres com os olhos, estava o "Vetter". Êle ainda desconhecia o que sucedera. Dos Bugres não se viu mais nada, mas êles faziam alarido tão grande, traindo não só a sua presença mas a direção em que tinham ido também. Encontravam-se do outro lado do Velha. Tudo isso aconteceu em menos tempo do que eu gasto para narrá-lo. Entrementes, Schramm e Töpel desceram do sótão. Você pode bem imaginar a enorme alegria que se apossou de todos nós, nesse encontro; mas não tínhamos muito tempo a perder em palavras, pois queríamos perseguir os bugres. Nesse momento, apareceram Friedenreich, um dos primeiros colonos aqui chegados

com um seu trabalhador. Friedenreich era um homem muito calmo e ponderado e um excelente atirador. Êle fêz sugestão de que nos separássemos em dois grupos para podermos vascular as duas margens do ribeirão da Velha. A sugestão foi aceita imediatamente. Friedenreich, com seu trabalhador, com, Schramm, Töpel e Josiger tomaram pela margem de cá do ribeirão, enquanto Hohl, Lucas e eu pelo lado de lá onde os bugres se faziam presentes com uma grande gritaria. Deschamps ficou de guarda ao acampamento.

Com os meus camaradas eu segui os rastros de sangue pela outra margem do ribeirão e que ia dar em uma picada.

Ali o bugre ferido recuara, para tornar à picada um pouco mais adiante. De repente, o rastro de sangue desapareceu. Os meus companheiros continuaram pesquisando pela picada adiante, enquanto eu, abandonando rastros, conservei-me um pouco para trás. De repente, ouvi um leve gemido; pouco distante de onde eu estava, jazia no solo um grosso tronco de árvore. Para là volvi minha atenção, porém tudo permaneceu silencioso. Mas, de súbito, ouvi atrás de mim, um leve assobio e, ao mesmo tempo, vi um bugre detrás do tronco. Quando êle me viu, desapareceu. Ouviram-se então assobios de todos os lados. De um salto, achei-me detrás do tronco, mas não vi mais que uma poça de sangue. Apurei o ouvido e escutei um ruído surdo em dertedor. Eram os índios que procuravam socorrer o ferido. Lobriguei êste, de súbito, acomodado na cavidade aberta de uma grossa raiz. Olhava-me com olhos esbugalhados. Êle mantinha-se completamente arcado, de forma a manter fechado o ferimento que recebera no ventre. Imediatamente fiz sinal aos meus companheiros. Friedenreich, que era um excelente médico examinou o ferido e verificou que a bala atingira as costas e saíra à altura do estômago. "Êle viverá apenas alguns miutos ainda", afirmou Friedenreich. Trouxemos-lhe água, que êle bebeu avidamente. Depois olhou-nos. Estávamos em semi-círculo diante dêle. Não notamos nêle mêdo algum e o seu olhar não traía nenhum receio. Era de estatura mediana, mas musculoso e forte. Não tinha barba mas, em compensação, sua cabeleira era cerrada, grossa, negra e presa em topete. Seus traços fisionômicos não traíam nem crueldade, nem aspereza, e nem mesmo selvageria. Um pequeno batoque no lábio inferior denotava a sua qualidade de botocudo. Trazia à cintura uma pele de onça e o resto do corpo nú, de um colorido marron. Os cabelos e a pele brilhavam, provávelmente untados de óleo ou gordura. Não havia sinais de tatuagens, nem se sentia que exalasse cheiro torte. Nesse meio tempo, Hohl havia voltado ao acampamento para buscar um pouco de cachaça e um pedaço de lona, com o qual queríamos cobrir e transportar o ferido. O bugre conseguiu engolir a cachaça. Inclinou, depois, a cabeça para o lado e morreu. Deitamos o morto sôbre a lona e transportamo-lo para casa.

Enquanto isso acontecia no mato, Deschamps recolhia, nas imediações da casa, as flechas e armas que os bugres haviam deixado. Somavam um arco forte, sete flechas com ponta de ferro e uma com ponta de fôlha estanhada, feita de uma colher, batida em forma de coração e muito afiada. Tôdas as armas eram caprichosamente feitas.

Eu era, então, um homem muito forte, não fui capaz de retezar o arco, senão pela metade. Meus camaradas nem isso.

Depois, Schramm e Töpel contaram como havia acontecido o assalto: « Deschamps cuidava dos serviços da cozinha e nós, como de costume

queríamos ir trabalhar na roça, quando vimos à margem do rio e surgindo detrás de um tronco a figura de um homem. Corremos para casa buscar nossas armas quando já ouvíamos os gritos dos bugres que se aproximavam. Se êles tivessem chegado em silêncio, ter-nos-iam apanhado de surpresa. Entretanto, nós não estávamos com as nossas armas de fogo em condições de uso imediato, pois, antes, nós as havíamos desmontado para limpá-las. Mas, assim mesmo, apanhados de improviso, não perdemos a cabeça. Töpel abriu a janela da cozinha e apontou o cano da espingarda, sem a coronha, para fora. Os bugres mais próximos recuaram diante do cano apontado e procuram abaixar-se para proteger-se. Nunca na minha vida eu montei e carreguei tão ligeiro a minha espingarda. A cada momento os bugres poderiam descobrir o embuste. E então eu fiquei no lugar de Töpel e êste, por sua vez, montou a sua espingarda tão depressa como eu o fizera. No entanto, eu tive tempo de observar os sujeitos que estavam de pé a uns quarenta passos distante da janela. Estavam juntos uns dos outros, por detrás de uns moirões da cêrca e lançavam olhares já para mim, já para o cacique que estava um pouco distante, numa elevação e que, dirigindo-lhes algumas palavras, com o arco que tinha na mão apontava para a casa. Êles gesticulavam furiosamente e soltavam gritos desordenados, sem entretanto se adiantarem. Isso parecia desgostar o cacique. Com três enormes saltos êle se aproximou dos demais e, então êstes embora ainda receiosos, vieram em nossa direção

“Agora êles vem vindo e vem nos atacar. Devo fazer fogo?”, perguntei a Töpel. “Eu estou pronto também, mas por enquanto não atire”, respondeu o Vetter, é melhor subirmos ao sótão para ganharmos tempo. Lá estaremos com melhores chances. Num momento nós nos achávamos no sótão e recolhemos a escada. Podíamos, assim, esperar o ataque. A espingarda de Deschamps também foi montada. Os bugres rodeavam a casa e procuravam olhar para dentro. Como tudo ficara quieto e êles não nos viam, entraram na casa por vários lados e começaram logo a pilhagem. Jogavam, pela janela a fora, tudo quanto não estava pregado. Vetter e eu estávamos deitados diretamente no soalho. Êsse era feito de ripas rachadas e finas e tinha frestas tão largas, que por elas, podíamos observar tudo muito bem. Vimos os selvagens arrebeitar caixões e malas, passando os objetos de mão em mão, para, afinal jogá-los pela janela afora. De princípio faziam também um barulho infernal mas de repente ficaram completamente silenciosos. Um outro corria de quando em quando para fora, provavelmente para se certificar de que não havia perigo próximo. Êles certamente sabiam muito bem que nós os estávamos observando de cima, pois apontavam-nos com os dedos e riam-se. Êles poderiam muito bem espetar-nos com as suas flechas através das frestas. Não fizeram, entretanto, nenhuma menção disso.

Terminada a pilhagem, saltaram a janela, um de cada vez, para ajuntarem e amontoarem os objetos que haviam atirado para fora. Nós então nos aproximamos da janela do sótão, que ficara aberta, para continuar a observar o comportamento dos selvagens. Êles estenderam no chão do pátio o pano de lona, o mesmo que depois nós ocupamos para transportar o índio morto e nêle amontoaram os pequenos objetos roubados, como livros, xícaras, copos, pratos etc.. e até uma figura de gesso. Entretanto, os outros bugres também faziam as suas trouxas. Três homens, carregariam, com dificuldades as coisas roubadas. Quando os bugres estavam, justamente, unindo

as pontas da lona, para amarrá-las eu dei o tiro, No que sucedeu depois, vocês mesmo tomaram parte». Friedenreich acrescentou "que os bugres tinham vindo apenas para roubar e não para matar". De qualquer modo, êles não acreditavam que vocês atirassem. E teria sido melhor ter dado apenas um tiro para o ar para fazê-los fugir. Agora êles hão de procurar se vingar".

Schramm tomou a mal essas palavras. Muito logo, nós teríamos a confirmação dos temores de Friedenreich, pois, pouco depois, êsses mesmos bugres, reconhecidos pelo mesmo e gigantesco cacique, atacaram dois colonos quando derrubavam mato no Garcia, e os mutilaram estupidamente e os degolaram. Mais tarde, o mesmo bando apareceu em Brusque e matou diversos outros colonos do lugar.

E assim continuou dali por diante, com a agravante de que aos botocudos juntaram-se coroados mais adestrados no roubo e nos massacres.

Friedenreich levou consigo o bugre morto, A cabeça foi preparada por Friedenreich. Durante muitos anos o crânio ficou no escritório do Dr. Blumenau e êle o levou consigo para a Europa, quando para lá voltou.

---

**NOTA DA REDAÇÃO:** Como vimos da observação feita no início, esta descrição do primeiro assalto de indigenas à incipiente Colônia do Dr. Blumenau, data de 1908. Portanto, 56 anos depois de ter-se verificado a ocorrência. É natural, portanto, que o sr. Koegler, como o sr. Kleine, que redigiu a narração, tenham incidido em falhas e omissões.

Sôbre êsse mesmo assalto de bugres ao acampamento da Barra do Velha, há um relato do Professor Ostermann, feito logo no dia seguinte, ao Dr. Blumenau, em carta, e que, portanto, merece absoluta fé e deve prevalecer sôbre quaisquer dúvidas que o relato de Koegler possa suscitar. Neste, não se faz menção nem do Professor Ostermann, nem da criada Lisette. Entretanto, êstes dois é que foram, de canoa, chamar os companheiros que se achavam na Barra do Garcia e não Deschamps. Êste embarcou na canoa na Barra do Garcia para ir em socorro dos assaltados

Para que os leitores possam fazer as devidas comparações, damos a seguir, o texto da carta do Professor Ferdinando Ostermann, escrita, como já assinalamos, no dia seguinte ao do assalto.

Nos pontos essenciaes, porém, as duas narrações combinam.

Não sabemos esclarecer se, de fato, é verdadeira a afirmação de ter o Dr. Blumenau conservado, por muitos anos, no seu escritório, o crânio do índio morto. Mas não é de todo impossível que isso tivesse realmente acontecido.

Eis a carta do Professor Ostermann, já publicada no "Calendário Blumenauense" para o ano de 1934, pag. 55:

"Velha, 29 de dezembro de 1934. Mui prezado senhor Doutor Um importante acontecimento obriga-me a escrever-lhe esta carta. Ontem à tarde, depois da hora de descanso e de haver tomado café, fui ao jardim para plantar feijão, enquanto os meus companheiros Schramm e Toepel se ocupavam em limpar as suas espingardas e carregá-las novamente. Enquanto estavam nesse mister, ainda brincavam dizendo: "agora estamos preparados



para receber bugres caso eles venham nos atacar”.

De repente ouviram gritos saídos da roça de mandioca. Schramm foi ao dormitório, que ficava em cima, para ver o que se passava e viu três bugres no alto, ao lado do rancho de secar tijolos e telhas. Tomou, rapidamente da espingarda e correu em direção aos bugres. Estes recuaram um pouco. Neste momento, aos chamados de Schramm, deixei o jardim e entrei em casa. Schramm procurou, então, falar aos bugres, por mímica, largando a espingarda no chão e mostrando-lhes um ramo verde como sinal de paz.

Os três bugres conferenciaram entre si. O cacique se achava dentro da plantação e dali dirigia o assalto, ordenou-lhes e mais a outros bugres que se achavam escondidos, que atacassem a casa e os moradores. Os bugres avançaram e Schramm levantou a arma do chão.

Nesse interim, Toepel havia carregado as restantes espingardas existentes.

Eu e a criada Lisette, que estava muito assustada, apressamo-nos em ir de canoa, até a embocadura do Garcia para chamar os homens ali ocupados. No lugar “Velha” achavam-se, no momento, só quatro homens.

Embarcamos na canoa sete homens, entre os quais Fritz Deschamps e W. Friedenreich. Os restantes seguiram por terra até a Velha. Quando chegámos perto do local do assalto, ouvimos alguns tiros. Schramm e Toepel tinham recuado de propósito até o sotão da casa nova para animar os bugres a se aproximarem. Existia pouca pólvora e chumbo e era preciso ganhar tempo até que chegassem os homens do Garcia.

Cinco bugres aproximaram-se apressadamente da casa e entraram na sala, examinaram a mobília e começaram a carregar, com muita alegria tudo quanto achavam bom. Ressoou, nesse momento, um tiro, partindo do sotão da casa e um dos bugres foi ferido no ombro. O ferido e os demais assaltantes, com gritos e lamentos, abandonaram precipitadamente a casa entrando na roça de mandioca. Enquanto fugiam, atiraram muitas flechas visando aos atacantes da janela da casa, felizmente sem ferir ninguém.

Schramm e Toepel atiraram também contra os fugitivos, ferindo dois dêles. Um caiu, mas auxiliado por seus companheiros pôde entrar na roça de mandioca e, dali, no mato. Como já fôsse noite fechada, deixamos de perseguir os bugres. Os homens que comigo tinham vindo do Garcia chegaram pouco depois da fuga dos bugres e pernoitaram conosco na Velha. Perto da casa e nas imediações da roça encontramos 4 arcos e 8 flechas.

Ao romper do dia 29, principiamos, com a assistência de Schramm, a perseguir os bugres. Entrando no mato, logo atrás da plantação de mandioca, achamos um bugre ferido, sem sentidos, em estado gravíssimo. Mandei sem demora, chamar o sr. Friedenreich para ver o moribundo. Antes, porém dêle chegar, o bugre faleceu.

Era uma figura aliás, robusta. Tinha aproximadamente, 20 anos e, no lábio inferior, um pedaço de madeira, característico da tribo dos botocudos. Transportamos o cadáver e demos-lhe sepultura.

Avisei o comandante do destacamento dos soldados de Belchior

para mandar percorrer os vales do "Velha" e do "Garcia".

Comunicando êstes fatos, observo que aqui continuamos sempre com coragem e trabalhando para adiantar a Colônia. Esperando suas ordens ou o seu pronto regresso, subscrevo-me com tôda a estima (Ass.:) F. Ostermann",

Sôbre os colonos que participaram dêsse acontecimento, podemos esclarecer o seguinte: Frederico (Fritz) Koegler, autor da narrativa, imigrou realmente, em Blumenau, a 20 de dezembro de 1851, com um grupo de mais 37 imigrantes e com a espôsa Sofia, nata Meyer. Henrique Hohl, com a família composta de 6 pessoas, chegou à Colônia Blumenau nesse mesmo grupo, a 20 de dezembro. Morreu afogado no rio Itajaí em 14 de abril de 1859, deixando dois filhos, um rapaz e uma menina. Era natural de Meschlitz, na Prússia e casado com Guilhermina Sille, natural da Saxônia. Cristiano Josiger, chegou em Blumenau a 3 de junho de 1852 com a família composta de 7 pessoas. Adquiriu o lote nº 9, do Garcia, no mesmo ano da sua chegada. Frederico Toepel era solteiro quando, em junho de 1851, veio para Blumenau. Deschamps e Schramm já residiam em Belchior quando da fundação de Blumenau. Eram colonos, ou descendentes de colonos vindos de São Pedro de Alcântara. Assim também a criada Lisette, que era da família Schramm. Ferdinando Ostermann chegou a 3 de junho de 1852. Foi o primeiro professor público da Colônia. Era homem doente dos pulmões e veio a falecer alguns anos depois. Sôbre êle "Blumenau em Cadernos" tem feito já várias referências. Guilherme Friedenreich era o médico da Colônia e teve forte atuação na vida social, política e econômica da Comuna. Já muitas vezes temos citado o seu nome nestes "Cadernos".

---

## UMA VIAGEM ACIDENTADA

*Fernando MÜLLER*

Quando eu entrei como marinheiro no vapor "Progresso", o senhor Edmundo Odebrecht trabalhava no vapor "Blumenau" como maquinista. Eu não conhecera antes o mesmo senhor, embora a família Odebrecht fôsse relacionada com a de meu pai. Isso porque os Odebrecht eram parentes da família Gropp, moradora da Vorstadt. E a família Gropp era aparentada com a família Jännichen, em Itoupava e Fritz Jännichen era casado com Maria Müller, irmã de meu pai.

Eu me transferira para a cidade em 1894, para frequentar a escola dirigida pelo pastor Hermann Faulhaber. Ali, fiz amizade com Edgar Odebrecht, que se sentava no banco, ao meu lado esquerdo. Por intermédio do Edgar, conheci seus irmãos Woldemar e Adolfo. O outro irmão, Edmundo já não estava mais em Blumenau; estudava, não sei mais se no Rio de Janeiro ou na Alemanha. Também cheguei a conhecer Augusto Odebrecht, numa situação bem crítica, no sul do Estado de São Paulo.

Algum dia eu hei de escrever ainda o meu encontro com Augusto, em Fachina, hoje Itapema, mas, agora quero apenas narrar um acontecimento que deve interessar à família de Edmundo Odebrecht, da boa sociedade blumenauense.

Não posso recordar-me bem, mas creio que enquanto o Edmundo era maquinista no vapor "Blumenau", o comandante dêste era o senhor Kuhlmann; mas quando o comando dêsse barco passou para o sr. Karl Krubeck que era metido a valentão, então o Edmundo Odebrecht abandonou a Companhia de Navegação Fluvial Itajaí — Blumenau e empregou-se como maquinista num vapor costeiro. Não sei também dizer o nome do vapor, mas a companhia denominava-se "Cruzeiro do Sul".

Essa Companhia atraiu, para o seu serviço, muitos moços das colônias de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Num dia em que Edmundo também me convidou para trabalhar nela, perguntei-lhe porque é que a Companhia tinha essa preferência. E êle me respondeu rindo: "Eles gostam dos filhos dos colonos porque comem mais e tem mais fôrça".

Não aceitei o convite porque eu já era casado e queria ficar mais perto da minha família.

O Edmundo casara-se em Blumenau, antes de entrar para o serviço da "Cruzeiro do Sul"; não me lembro se então êle já tinha filhos.

Certa feita, durante uma grande enchente do rio Itajaí, a esposa do Edmundo recebeu aviso para ir encontrar-se com êle em Florianópolis. O navio em que trabalhava estava de viagem da Argentina para o norte e escalaria na capital catarinense. O vapor "Blumenau" encontrava-se em Itajaí e o "Progresso", no pôrto de Blumenau, sem carga.

A senhora do Edmundo estava de filho nôvo (creio que era o primeiro rebento do casal) pedio, secundada por sua sogra, para que Dona Rose Gaertner, agente da Companhia Fluvial, arranjasse um jeito de transportá-la para Itajaí. Depois de combinar com Hermann Sachtleben, que era o gerente da Companhia, Dona Rose deu ordem ao sr. Hacklaender, mestre de bordo e ao sr. Alfredo Hipólito do Canto, que era o comandante, que acendessem a caldeira do "Progresso". Gustavo Hacklaender, que era prático da lida do rio, advertiu a senhora Gaertner do perigo que representava descer o rio cheio, sem carga nos porões do barco. Mas Alfredo do Canto decidiu a viagem. Alfredo do Canto era solteirão e de parente só tinha a mãe, que era viúva. Alfredo era homem alegre, muito divertido, gostando de boa cerveja. Não sabia, porém, nadar. Perguntei-lhe, certo dia, porque êle não aprendera a nadar e êle me respondeu: "A sepultura de marinheiro é a água e eu não quero ser enterrado em terra".

Trinta e nove anos depois de eu ter deixado Blumenau, encontrei-me, certa vez, com o sr. Hacklaender e com Augusto Faht e por êles fiquei sabendo que o velho marujo Alfredo do Canto morrera esticado numa cama, na casa dos seus, em Itajaí.

Na ocasião em que se deu o caso que estou narrando, a tripulação do "Progresso" era composta de sete pessoas: Alfredo do Canto era o comandante, Gustavo Hacklaender, sub-comandante, ou mestre de convés. como o chamavam, Gustavo Jasper e Wernek eram os foguistas, Augusto Faht e Sebastião Fischer marinheiros e aqui o filho do meu pai era o cozinheiro.

Naquele dia, as duas senhoras já mencionadas, com uma criancinha recém nascida, eram as únicas passageiras do "Progresso". Êste barco estava amarrado no corrimão da ponte do Garcia.

Eram, mais ou menos, onze horas quando dona Rose Gaertner entregou a guia ao comandante. Hacklaender estava de cara amarrada. Ele era um homem muito ordeiro, mas um tanto tímido. Parece que fôra, como eu, criado em braço estranho. Certa vez, havia me contado que quem o criara fôra Franz Lungershausen e, por isso, era muito protegido pelo filho deste, Bruno e por Gustavo Salinger e Frau Rose Gaertner. Era um grande leitor de romances e novelas que Dona Röse lhe emprestava.

O mau humor de Hacklaender era devido a que, sem carga nos porões e o rio revolucionado pelas águas da cheia, o navio ficaria ao sabor da correnteza. Nós, marujos, entretanto, estávamos despreocupados. A viagem parecia-nos um passeio. Apenas os foguistas tinham de estar ocupados, assim mesmo bem pouco, pois a corrente impelia o navio melhor que as máquinas que só trabalhavam para acionar o leme.

A viagem durou poucas horas. Até a Volta Grande tudo foi bem e até o Hacklaender voltou ao seu bom humor de sempre. Mas, na Volta do Mafra, quem fechou a cara foi o sol, caiu um pé de vento que soprava rio acima e começou a trovejar.

Hacklaender quiz atracar na Barra do Rio; Alfredo do Canto, porém não desejava que as duas passageiras, com a criança, perdessem o seu encontro com o vapor em que viajava o sr. Edmundo Odebrecht.

Em frente à Fazenda do sr. Thieme, o sr. Alfredo do Canto pendurou um peso no cordão do apito do vapor para chamar a atenção e socorro dos barcos que se achavam atracados nos trapiches. A confusão foi geral. As duas senhoras choravam mais alto que o apito do navio, o "Charuto", como era apelidado o "Progresso" por causa do seu formato.

O sr. Alfredo determinou que eu cuidasse das senhoras e as acomodasse em lugar seguro. Eu já perdera a paciência e estava também de mau humor com os gritos do sr. Hacklaender que o vento abafava. Eu tinha manifestado ao sr. Alfredo o receio de que iríamos morrer naquele pandemônio. O sr. Alfredo retrucou: "Se você morrer, não há de ser sozinho. Portanto cumpra o seu dever".

Mandei as senhoras descerem a escada que dava para o camarote do comandante, enquanto eu ia segurando a criança recém nascida, muito bem embrulhada em panos. A escada era muito a prumo e estreita e como as mulheres hesitavam, medrosas, em descer a escada, eu, para ficar com os braços livres para ajudá-las, meti a criança dentro de um armário de bebidas e fechei-o a chave. O armário era do barzinho que eu mantinha a bordo. Por fim consegui meter as duas mulheres no camarote, apesar dos seus gritos e protestos e fechei-o também.

Hacklaender mandou arriar a ancora e quando esta atingiu o fundo do rio, o "Charuto" virou a proa contra a correnteza e o vento davalhe pela pôpa, com violência. A âncora não resistiu à fôrça das águas, acelerada pela maré vazante. Iamos sendo arrastados marcha à ré para frente do trapiche da Casa Malburg, onde estava amarrado um grande navio, o "Emília" de propriedade da mesma firma, o qual já tinha arriado dois barcos salva-vidas, cuja tripulação trazia uma grossa corda com a extremidade ama-

rada à proa daquele navio. Com o auxílio dessa corda, o "Progresso" pôde amarrar no trapiche da firma Asseburg, onde já estava atracado um vapor da casa Hoepcke, de Florianópolis. Com êsse vapor as nossas passageiras iriam para a capital do Estado, onde encontrariam o navio da "Cruzeiro do Sul", em que o sr. Edmundo Odebrecht trabalhava.

Acredito que o sr. Odebrecht levou a família para o Rio, porque não a vi mais.

Alguns anos depois, eu já estava casado, mas continuava cozinheiro do vapor "Progresso". Quando eu regressava certa vez do açougue do Holetz, que ficava no local em que hoje está o Hotel Blumenau, dei de cara, sôbre a ponte do Garcia, com uma senhora já idosa que parou a poucos passos de mim, tirou as chinelas e me estendeu a mão. Estranhei o gesto de uma mulher que eu não conhecia. Dirigiu-me palavras tão amáveis que eu lhe perguntei se ela não estava enganada, acreditando que eu fôsse um seu parente. Ao que ela me respondeu: "O senhor não me conhece, mas eu não o perdi da lembrança. Eu sou a avó da criança que o senhor trancou no armário de bebidas". Eu retruquei-lhe que ela deveria agradecer isso ao sr. Alfredo do Canto, pois eu, naquela ocasião, estava mais preocupado comigo mesmo, em salvar a minha pele.

A senhora acrescentou que havia tirado as chinelas porque eu estava descalço e, assim, queria-me homenagear. Naquele tempo, os barqueiros de Blumenau andavam descalços na rua mas apuela senhora, de certo, nem mesmo dentro de casa andaria descalça.

Se a criança que deu causa a um gesto tão nobre, que tanto me confundiu, ainda estiver viva, que receba as minhas saudações!

De então para cá, já se passaram bons setenta anos...

---

## BLUMENAU

---

## E SUA IMPRENSA

---

### LII

#### "O ESTÁDIO"

Com êste título, apareceu a 6 de abril de 1933, um pequeno jornal esportivo, de que era diretor Paulo Cunha, e diretores tesoureiro e gerente Evaldo Benthien e Oscar Eberhardt Jr., respectivamente. Vários eram os colaboradores e, entre êstes, Alexandre Muniz Queiroz que, por mais de uma vez aparece neste trabalho fundando ou redatorando jornais da época.

Do artigo de apresentação consta o seguinte: "O Estádio" surge nesta hora angustiada para o esporte, em que tôdas as atenções se voltam para as grandes capitais a braços com o profissionalismo e em que todos os meios esportivos se agitam, radiantes uns, decepcionados outros, pela implantação

daquela medida. Surge nesta hora rude para o esporte catarinense cujo abandono é notório; mas vem impulsionado por uma ideologia sadia e nobre impondo a si mesmo a tarefa de despertar entusiasmos adormecidos, de molde a tornar novamente o esporte o que o mesmo foi em outros tempos". E por aí adiante. O jornal, de 4 páginas, era de formato 28 X 38 cm. Não sabemos se foi além do primeiro número. Foi impresso nas oficinas da "Cidade de Blumenau". Graças à gentileza do Dr. Alexandre Queiroz, o nosso Arquivo Histórico possui o primeiro e, possivelmente, o único número aparcido.

### LIII

#### "A FOLIA"

No carnaval de 1634 apareceu um jornal crítico, de pequeno formato (23 X 31,5 cm., com 4 páginas, em papel acetinado, Como sub-título "Orgão daqueles que possuem 1\$000)" Diretor: King Kong. Redator: Voronoff. Gerente: Amendoim. Primeiro e último número dêste ano". Aliás, foi o primeiro e o último de todos os tempos. Não saiu outro. Um jornalzinho cheio de piadas e críticas à rapaziada de determinadas rodas de Blumenau. Pouco interessante, sem nenhum tópico a ressaltar. Devemos à gentileza do Dr. Alexandre Queiroz, que muito tem contribuído para o enriquecimento dêste nosso modesto estudo, o exemplar da "A Folia" que temos em nossos Arquivos.

### LIV

#### "POR BLUMENAU UNIDO"

O ano de 1934 começou com sérias agitações na política catarinense. Nas eleições realizadas no ano anterior, Blumenau infligiu séria derrota às forças políticas que apoiavam o Interventor Federal no Estado. Êste sem esconder o despeito que lhe provocou o insucesso, lançou mão de um recurso que já havia sido pôsto, igualmente, em prática, nos fins do século passado: elevou à categoria de municípios vários dos distritos que integravam o Município de Blumenau, reduzindo o território dêste a apenas algumas centenas de quilômetros quadrados. Revoltado contra o que lhe pareceu um ato de reles vingança, uma clamorosa injustiça, o povo de Blumenau insurgiu-se contra o ato da Interventoria e, durante vários dias, a cidade esteve em verdadeiro pé de guerra. O comércio cerrou portas. As repartições não funcionaram. As escolas também permaneceram fechadas. As passeatas de protestos se sucediam pela rua central, muitos empunhando cartazes alusivos ao desmembramento verificado e à disposição, em que todos se achavam, de não permitir a divisão do território da sua comuna. O prefeito chegou a abandonar a cidade. As demais autoridades cruzavam os braços. O govêrno do Estado socorre-se do auxílio federal. As unidades do Exército sediadas nas cidades próximas preparavam-se para vir acantonar em Blumenau e restadelecer a ordem. Boatos os mais desencontrados e ameaçadores surgiam a cada momento e em cada canto. Mas, situação tão delicada e tão perigosa não poderia durar muito, como não durou. Em poucos dias o govêrno estava novamente senhor da situação. Foi nomeado um oficial da fôrça Pública

do Estado para o cargo de prefeito. Prudente, maneiroso, justo, êsse militar muito concorreu para serenar os ânimos, embora levasse ainda muito tempo até que se apagassem todos os resquícios do movimento que não deixou de ser uma bela e corajosa demonstração de civismo do povo blumenauense. Estava-se em regime ditatorial. Havia censura, e severa, à imprensa. O jornal "Cidade de Blumenau" que desassombadamente, entrara na luta, com artigos violentos contra o govêrno e os que o apoiavam, foi suspenso, proibido de circular. O seu diretor, então, o advogado Aquiles Balsini deu à publicidade um jornal, de pequeno formato, intitulado "Por Blumenau Unido", slogan que servia aos partidários do movimento contrário à desintegração territorial de Blumenau. O número 1 apareceu em 3 de março de 1934, um sábado. No artigo de apresentação dizia: "O nosso aparecimento é mais um produto da situação em que se acha a imprensa de Blumenau de não poder noticiar os acontecimentos que se feriram aqui com o movimento pacífico "Por Blumenau Unido". "Cidade de Blumenau" encontra-se suspensa e os restantes jornais censurados. Enquanto isso, a imprensa do govêrno representada no seu órgão oficial, publica os seus comentários desvirtuando, de uma forma indigna, os sucessos que aqui ocorreram. Êle é o único que pode falar Nossa imprensa nem pode defender-se. Ora, isso é uma ação de suprema covardia. Não se ataca sem que o adversário tenha ao menos o rudimentar direito de defesa. Eis o motivo do nosso aparecimento. Discricionariamente nos levantamos para profligar infâmias discricionárias. Infâmias que não encontram qualificativos ...".

Com um editorial assim, numa situação política tão delicada, é claro que o jornal não poderia ir longe. E, mal aparecido o primeiro número, foi proibido pela polícia a sua circulação. Pregando o boicote contra aqueles que participaram do esfacelamento, ou o aprovaram, e aconselhando medidas contrárias às determinações legais, o jornalzinho não poderia mesmo esperar outra coisa. O primeiro e único número de "Por Blumenau Unido" tinha 4 páginas e formato de 28 X 38,5 cm. O nosso arquivo histórico possui um exemplar dêsse importante documentário de um dos mais interessantes períodos da história de Blumenau. E isso graças, também, à gentileza do Dr. Alexandre Queiroz, que nô-lo cedeu.

## LV

### "O KCT"

A grave comoção política por que passara o Município no comêço de 1934, não impediu que a rapaziada, sempre disposta a levar as coisas com menos seriedade do que os homens maduros, desse vasão a sua veia folgazã. Os jornais críticos estavam na moda. Já falamos de "A Folia", aparecido no carnaval daquele ano. Já em começos de abril, seguinte, apareceu outro representante da imprensa brejeira: "O KCT". Jornal de formato pequeno (22,5 X 33 cm.), era bi-enzal. Não difere, nas críticas e piadas, dos demais jornalzinhos de que já temos tratado.

Entre os seus colaboradores estava o hoje ilustre advogado, Dr. Alexandre Queiroz, baiano, naturalizado cidadão de Joaçaba e ligado às atividades jornalísticas de Blumenau durante o tempo em que frequentou o

Colégio Santo Antônio e seu pai, ilustre engenheiro, fiscalizava a E. de Ferro Santa Catarina. O Dr. Queiroz, tão caprichoso como aluno, como profissional, guardou, até hoje, passados já quase quarenta anos, vários números de jornais de cuja fundação participou ou em que colaborou e, agora, forneceu-nos preciosos elementos para êste trabalho. O número 5, do "O "K C T" foi mais um presente dêsse nosso bom colaborador e amigo. Graças a êle, a nossa preciosa coleção de periódicos do Vale do Itajaí possui também um exemplar do jornal citado e vários outros, de que já dêmos notícia, entre êles o n° 1 do "Correio de Blumenau" o o número especial de "Alvorada", comemorativo do 1º. aniversário da fundação do Núcleo Integralista de Blumenau, em 1º. de junho de 1934.

Já tratamos dêsse último jornal, de orientação doutrinária, na edição anterior de "Blumenau em Codernos". Aproveitamos êste espaço para agradecer ao Dr. Queiroz a valiosa cooperação.

"O "K C T" teve vida curta. Era impresso nas oficinas do "Correio de Blumenau" e parece não ter ido além do sexto ou sétimo número.

#### LIV

#### "PIRANHA"

Ainda em 1934, apareceu outro jornal crítico e humorístico, nos moldes dos anteriores, citados. "Piranha" era do mesmo formato do "O "KCT" e também impresso nas oficinas do "Correio de Blumenau". Teve também vida curta. Possuímos os números 1 e 2 dos cinco que, segundo a informação insuspeita do Dr. Queiroz, foram publicados.

## RECONSTITUINDO UM LONGÍNQUO PASSADO

Gustavo Konder

Vaculhando o meu "arquivo mental", encontrei algumas reminiscências, corroidas pelas "traças" do esquecimento, as quais tentarei relatar aos meus pacientes leitores.

A nossa família morava, na primeira década dêste século, em Itajaí, numa pequena casa de material, situada à rua Lauro Mueller, entre duas residências senhoriais a do Nicolau Burghardt e a dos meus avós Konder. Esta casinha pertencia à família Flôres, pais da minha avó Adelaide Flôres Konder. Quando a minha bisavó Clara Silveira Flôres (viúva do Cel. José Henrique Flôres) faleceu, o meu avô Marcos Konder Senior, enriquecido com a exportação de madeiras, pôde adquirir tôda a partilha dos herdeiros e aproveitar assim o grande terreno lateral, onde construiu o atual palacete. Ao casar-se, em 1877, o meu avô comprou o famoso casarão, achatado e comprido, com três portas e muitas janelas. Uma metade servia de moradia e a outra, com duas portas, de escritório e armazém. Pertencia êste edifício ao velho Pedro Mueller, progenitor do nosso inolvidável Lauro Mueller. Seria interessante anotar que, o referido casarão assistiu ao nascimento de todos os filhos do velho Mueller, depois, de todos os filhos do velho Konder e finalmente do meu irmão mais velho Alexandre que, no futuro, tornou-se ilustre escritor e vibrante jornalista na imprensa paulista e carioca. Eu nasci no nôvo palacete dos avós Konder, num sábado de manhã bem cedo. Como na época era costume, em Itajaí aos sábados, apareciam nas ruas principais muitos



mendigos, doentes e aleijados vindos de longe, principalmente das praias, para pedir esmolas e alimentos. Justamente, quando eu estava nascendo, todos os mendigos, sabedores da "grande novidade", entraram pelo portão lateral do palacete e se aboletaram na escada da grande varanda ladrilhada dos fundos e ansiosos ficaram aguardando. Quando ouviram o meu primeiro e irritante vagido, se benzeram aliviados e contentes. Depois do acontecimento, o meu pai e as tias distribuíram esmolas, café e doces. Este episódio me foi contado, repetidamente, por minhas tias, entre elas, a saudosa tia Flôr, a grande companheira e confidente da minha inesquecível mãe.

As ruas importantes, no centro da cidade, eram péssimas e arenosas. As calçadas irregulares, altas e baixas, de acôrde com o gôsto ou a falta de gôsto dos seus proprietários. Não havia luz elétrica, apenas alguns lampiões a querosene, pendurados em postes distanciados e, assim mesmo, somente no centro da cidade. Dois anos depois o ativo político Félix Busso Asseburg, filho do grande armador Guilherme Asseburg, teve a arrojada idéia de instalar um pequeno gerador movido à vapor. Foi uma fagulha para o lento progresso do meu torrão natal. Bem mais tarde, a Empresa Fôrça e Luz de Blumenau, inaugurada em 1908, encampou a pequena usina, juntando as duas linhas elétricas. Foi então que surgiram as primeiras indústrias itajaíenses, entre elas a famosa fábrica de papel, três engenhos de arroz e uma grande serraria na Barra do Rio, antes movida à vapor.

Só existiam caminhos carrocáveis para os municípios de Brusque, Camboriú e Tijucas. Não havia estrada para Blumenau. Viajava-se pelo rio Itajaí pelos vaporzinhos "Progresso" e "Blumenau" e uma vez ou outra pelo "Richard Paul" que era o maior e o mais confortável. Mais tarde êste navio foi retirado da navegação fluvial, para fazer as rotas semanais entre Florianópolis e São Francisco do Sul e sob o comando do saudoso capitão Paulo Stein, pai da Eva, minha segunda espôsa. Muitas vêzes viajei com êle. O percurso a Florianópolis durava quase um dia. Depois apareceu o confortável "Max", de propriedade do velho Carl Hoepke, três vêzes maior que o "Richard Paul", com espaçosos camarotes e um grande salão para refeições e passa-tempo dos passageiros. Havia até um piano. Êste navio vivia repleto de viajantes e fazia o percurso: Laguna, Florianópolis, Itajaí e S. Francisco e vice-versa, quatro vêzes por mês.

No pôrto de Itajaí existiam quatro trapiches, sempre movimentados por veleiros grandes e pequenos, e também por paquetes de grande porte. Ainda me recordo do nome "Servulo Dourado", do "Orion" e outros do Lloyd Brasileiro, o grande pioneiro da navegação brasileira. De vez em quando atracavam grandes veleiros de quatro ou cinco mastros, com cascos escuros e muitas janelas quadradas. Eram barcos alemães trazendo imigrantes e as mais diversas mercadorias.

Não existiam estabelecimentos bancários, apenas correspondentes, por intermédio das firmas importantes locais, como Asseburg, Malburg, Konder e outras. A firma Konder era agente do Banco Nacional do Comércio e do Banco Alemão Transatlântico.

A imprensa era representada por dois jornais semanais "Novidades" e "O Pharol". O primeiro foi fundado pelo poeta e professor Tibúrcio de Freitas e mais tarde, já no meu tempo, dirigido pelo jovem tio Adolfo Konder, elegante e faceiro com os seus lustrosos bigodes à la Kaiser. O outro era dirigido pelo João Miranda, apelidado por Jôca. Era tio materno do deputado federal Genésio Lins.

Por falta de força e luz, não havia cinema. Em compensação a cidade possuía duas sociedades recreativas: A Sociedade Guarany, fundada pelos descendentes de portugueses e a outra Sociedade Estrela do Oriente, idealizada pelo meu tio Arno Konder. Davam mensalmente espetáculos, organizados pelos amadores e, de vez em quando as encenações das pequenas companhias teatrais, vindas do Rio ou S. Paulo e que foram acontecimentos festivos para a sociedade itajaense.

A velha matriz situada bem no centro da cidade, era o ponto obrigatório do povo católico e a igreja evangélica (luterana) com pastor próprio, naturalmente alemão, ainda existe na rua sete de setembro.

O meu tio Alois Fleischmann, cônsul da Alemanha, para quebrar a monotonia, organizou no atual campo de foot-ball do "Marcílio Dias", uma quadra de tênis, onde as pessoas simpatisantes deste esporte podiam jogar. Entre elas, a mais entusiasmada, era a minha tia Lilly (Evelina) esposa do cônsul e irmã do meu pai.

Não existia ainda o grupo escolar "Victor Meirelles", apenas algumas escolas particulares e uma alemã, sustentada pela comunidade evangélica. O meu irmão mais velho (Alex) aprendeu o ABC na escola dirigida pela competente professora dona Alzira, esposa do espanhol Aristides Palumbo, que ocupou diversas vezes o cargo de juiz de direito substituto e era fiel partidário do meu pai.

Havia três farmácias estabelecidas, sendo duas na rua Lauro Müller e a terceira na rua Hercílio Luz. Defronte à nossa moradia ficava a farmácia mais moderna, pertencente a um moço elegante, chamado Heitor Pereira Liberato. Um pouco mais adiante, numa antiga e atarracada casa, com uma porta, a segunda farmácia, cujo dono era o velho português Emílio Coutinho, apelidado pelo povo de Emílio Botica. Era um homenzarrão de barbicha rala e arruivada que sempre andava de tamancos. Na cabeça usava, invariavelmente, um barrêto de veludo azul bordado, do qual pendia uma borla. Era a encarnação de um perfeito judeu. Muitas vezes eu, ainda bem pequeno, parava na porta da botica, somente para "aspirar" o forte e agradável odor das ervas e dos pós guardados em grandes frascos redondos e com letreiros gravados a ouro. Em cima de uma mesa alta, que servia de laboratório, havia uma delicada balança decimal e ao lado da mesa um jacaré de ferro com a cauda levantada. Na barriga do bicho localisavam-se buracos de diversos tamanhos. Servia como afinador de rôlhas de cortiça. Também gostava de olhar a grande figura do velho noruegues, carregando nas costas um grande peixe (propaganda do óleo de fígado de bacalhau). Às vezes o velho me convidava a entrar e obsequiava-me com algumas pastilhas verdes e gostosas de hortelã. A terceira farmácia, na rua Hercílio Luz, era propriedade do casal João Angelino, ainda na flor da mocidade.

Ao lado do edifício do telegrafo, na rua Lauro Mueller, funcionava a Biblioteca "Grêmio Três de Maio" com prateleiras atulhadas de livros quasi todos doados pelo tio Arno. Quando eu completei dez anos, comecei a frequentar esta biblioteca, afim de ler livros escolhidos e aumentar os meus conhecimentos.

A repartição dos correios ficava ao lado do Hotel Brasil, na mesma rua, e era dirigida pelo agente Eduardo Dias Miranda, pai do jornalista Joca Miranda.

Aqui termina a minha reconstituição, pois as "traças" destruíram o resto.

# REMINISCÊNCIAS

H. P. Zimmermann

Entre os tipos curiosos que povoaram a minha pequena terra natal no tempo de minha infância, havia um que, pela sua maneira de viver, pelos seus modos de agir e pela figura esquisita, merece destaque. Vestia sempre uma espécie de fraque, como o vestiam os homens da "sociedade", que hoje só se vê nos "Westerns" americanos. Por motivos óbvios, não mencionarei o seu verdadeiro nome. Digamos, que se chamava Tomé. Era êle um desses tipos que vivem constantemente em caminho, ora para um lado, ora para outros, visitando colonos e negociantes, para com êles fazer algum negócio. [Não era aquilo que se conhece] como mascate, porque só raramente comprava ou vendia objetos de uso comum. O seu negócio principal, era a compra, a venda e a permuta de toda espécie de animais domésticos, mas não desprezava receber em pagamento, relógios, jóias baratas, ternos usados, calçados, pequenos móveis, tachos de cobre, alambiques velhos e coisas semelhantes. Todos sabiam, que era êste o seu negócio, por isto todos que precisavam de determinado objeto, antes de adquiri-lo numa casa comercial, pr meiro perguntavam ao Tomé, se êle não o tinha à venda, ou se podia arranjá-lo a preço módico. Da mesma maneira, quando algum colono queria adquirir um animal doméstico, recorria primeiro ao Tomé e era difícil dai-se o caso, de êle não tê-lo para vender ou de não saber de quem o poderia adquirir para servir a quem o queria comprar. Isto sempre na evidente

esperança, de que, por meio dêle, poderiam adquiri-lo mais barato. Esperto, vivo e finório que era sabia bem defender os seus interesses em todos os negócios que fazia. Muitos dêles também resultavam em brigas, porque o Tomé não sabia escrever a palavra honestidade com letra maiúscula. Curioso é, que assim mesmo sempre encontrava com quem negociar alguma coisa. Bastante loquaz e sempre convincente nas suas afirmações, "passava a rasteira", como então se dizia, na maioria de seus trenguêses. Cabem aqui alguns exemplos disto.

Certo ocasião um negociante de Blumenau, que era dono de um bom, mas bem idoso cavalo de montaria, resolveu vendê-lo ou trocá-lo por outro mais nôvo. Tomé soube disto e resolveu comprar o cavalo. Afirmou ao negociante, que sabia de outro, bem semelhante ao que estava comprando, que era excelente cavalo de montaria e que poderia adquiri-lo por preço razoável. O negociante concordou em comprá-lo, se de fato fôsse um animal vistoso e bom. Com êsto trato separaram-se. Passados uns quinze dias, Tomé apareceu com o animal que prometera trazer e o negociante ficou espantado com a semelhança que êste tinha com o que havia vendido a Tomé. Apenas o novo cavalo não tinha o pêlo grisalho na cabeça, tinha crina bem aparada, pêlo lustroso e parecia mais irrequieto. Até as cavidades mais ou menos profundas sôbre os olhos dos cavalos mais velhos, êste não as tinha. Foi fechado o negócio, com bom proveito para Tomé.

Poucos dias depois, o negociante percebeu lógro em que havia caído. O cavalo que comprara de Tomé, era o mesmo que lhe havia vendido. Com a refinada arte que costumeiramente só os ciganos conhecem. Tomé havia transformado o cavalo velho em animal nôvo e tão bem fêz a “maquilage” dêste, que o comprador não o notou.

Outra vez vendeu a um colono, um relógio de algibeira. Quando o colono o comprou, o relógio funcionava, mas horas depois percebeu, que estava parado. Deu-lhe nova corda, e os ponteiros começaram a disparar, até que acabou a corda. Mecheu aqui e ali, mas não havia jeito de fazer o relógio trabalhar normalmente. Ficou furioso e quando encontrou Tomé alguns dias mais tarde, acusou-o de lógro no negócio. Tomé não perdeu a calma. Pediu que lhe mostrasse o relógio. Deu-lhe corda, levou-o ao ouvido, olhou-o de todos os lados, sacudiu-o e, depois de abrí-lo, fêz se zangado e disse ao colono: “Você é um ignorante que não sabe lidar com relógios; estagou a máquina dêste, que era um excelente relógio. Agora está quebrado, porque você não soube lidar com êle”. De nada valeram as contestações do colono, que por fim teve que concordar com a possibilidade de ter estragado o relógio.

Tomé era aquilo, que se pode dizer um mágico em negócios. Certo dia saiu de Gaspar com um cavalo velho. Passou por Brusque, através de Limoeiro foi até as proximidades de Itajaí, passou pelo Escalvado, depois foi a Luiz Alves e retornou a Gaspar pelo Baú e Poço Grande. Quando chegou a Gaspar, era dono de uma carroça com dois cavalos arreitados e mais uma novilha, tudo

isto produto dos negócios de permuta que fizera durante o trajeto, iniciado em Gaspar com um cavalo velho.

Muitos outros negócios semelhantes poderia contar, mas todos êles eram do mesmo tipo dos que acima citei. Tomé começou a envelhecer e também já estava desacreditado no seu ramo de negócios, que resolveu abandoná-lo. Não se aposentou, porém, mas iniciou um nôvo ramo de negócio. Agora oferecia as mais variadas ervas, cascas e raízes, destinadas a curar tôda sorte de males físicos. Falava “difícil”, e certamente havia lido n'algum alfarrábio velho, expressões referentes à medicina caseira, que agora empregava a torto e a direito. Seu nôvo negócio floresceu alguns anos, até que chegou também para êle o momento, em que nenhum remédio mais havia para prolongar-lhe a vida por mais algum tempo. Faleceu e foi sepultado no velho cemitério atrás da Igreja de Gaspar, agora já desaparecido.

Eu, menino ainda, conheci êste homem e gostava falar com êle, porque êle sabia tantas “histórias” curiosas que, sempre que as contava, conseguia reunir um bom auditório. O curioso em tudo isto, é que Tomé nunca teve desavenças sérias com as muitas pessoas que havia logrado nos negócios que com êles fizera. A maioria zangava-se quando percebia o lógro, mas depois deixava ficar como estava. Refletindo bem quer me parecer, que muitos se calavam, para não se transformarem em alvo de chacota dos outros, porque em matéria de chacota, de rir à custa dos outros e de anedotas, minha terrinha era grande e as coisas que aconteciam, normalmente serviam por bastante tempo como motivo de boas e grandes gargalhadas.

# Um Casamento Pouco Comum

Sob êsse título, publicamos em nossa edição anterior, uma fotografia do casamento do índio Có-ngroi Nrê-Schidu Mogconán com a senhora Filomena Grava, filha de colonos do distrito de José Boiteux, Município de Ibirama. O noivo era aldeiado do Núcleo Indígena "Duque de Caxias".



Publicamos, acima, outro interessante **flash** da cerimônia, no instante em que os noivos aguardavam a lavratura da ata de sua união perante a lei. Ao fundo, de pé, vemos os redatores do "Volkszeitung", advogado Max Mayr e Emilio Jacobsen.

A cerimônia realizou-se a 17 de setembro de 1930, na Indendência do então Distrito de Paz de Hamônia, hoje Ibirama, com grande solenidade. O casamento despertou grande curiosidade por parte da população local. Grande número de famílias reuniu-se diante da Prefeitura para ver a entrada e a saída dos noivos.

O assunto, como já dissemos, deve ser de grande interesse para os estudiosos da etnografia e dos processos de adaptação, de aculturação dos indígenas do Vale do Itajaí.

---

Do "Novidades", n.º 177, de 20/10/1907:

"Domingo passado, batizou-se aqui (em Brusque) em nossa matriz a pequena bugrinha Angudy, criança de mais ou menos 10 anos de idade e filha adotiva do nosso prezado amigo Vicente Schaefer. Angudy recebeu na pia o nome de Ana Maria Angudy Schaefer."

## DO MEU CADERNO DE RECORDAÇÕES

# EFEITOS DA REVOLUÇÃO DE 1893 EM BRUSQUE

Ayers GEVAERD

Os trágicos dias da revolução de 1893 em nosso Estado, não atingiram, felizmente, a antiga vila de São Luiz de Gonzaga. Um e outro fato foi registrado, como por exemplo a visita de Gumercindo Saraiva, recebido pelas autoridades, a passagem de grupos de soldados das duas facções em luta que acampavam por poucos dias, o susto de nossas autoridades e personalidades, em face de boatos, na maior parte sem fundamento.

Há tempos relatei o que ocorreu com meu avô, Carlos Luiz Gevaerd, no dia do aniversário natalício de minha avó, Maria Luiza. A família reunida justamente na hora do almoço para a comemoração, recebe, surpresa, por um mensageiro, a notícia da imediata prisão de Carlos Luiz Gevaerd. A família, às pressas, reúne roupas e víveres, e a pé mesmo, dirige-se à Fazenda Hoffmann, em casa de Nicolau Gracher, por uns dias.

Meu amigo Padre Anselmo, outro dia, pediu-me para contar o fato que se segue, e é por sua conta que fica a frase em alemão intraduzível, creio! . . .

Adriano Schaefer, exercia em 1893, o cargo de chefe de polícia na então vila. Certa madrugada foi despertado por um amigo, cujo nome não foi possível anotar, o qual, com outras pessoas, necessitava autorização para ir a Itajaí, naquela mesma hora, por razões importantes e inadiáveis. Soube-se mais tarde que os motivos tinham sido políticos, em face dos dias incertos e dos constantes boatos, às vezes alarmantes, que circulavam. A autoridade prontamente aquiesceu, mas havia o problema da "passagem", situada no mesmo lugar onde hoje se encontra a ponte, aos cuidados de Franz Pieper, homem de reconhecida probidade mas de natureza truculenta. Adriano Schaefer, prevendo dificuldades em vista da hora e do temperamento do encarregado da balsa, acompanhou as pessoas que o procuravam, até o local.

Franz Pieper residia no lado oposto e a balsa naturalmente, se encontrava na mesma margem do rio, imediações da residência.

O nosso delegado necessitou chamar em voz alta, várias vezes, até que o responsável apareceu em uma das janelas resmungando inquirindo a identidade da pessoa que o acordara. Dando as explicações que achou cabíveis no momento, Adriano Schaefer pediu a Franz Pieper que efetuasse a passagem de seus amigos, pela balsa. Pieper retrucou que absolutamente não atendia em vista do adiantado da hora: que esperassem até o amanhecer.

O delegado vendo que sua argumentação amigável de nada adiantava, apelou para suas condições de autoridade e gritou solene: "Francisco Pieper, em nome da lei exijo que dê passagem a êsses cidadãos"! E a resposta veio em seguida no mesmo tom, porém em alemão:

"In Nahmen des Gesetzes, kannst mir am Asch lecken" e fechou violentamente a janela.



**TOALHAS**

**ARTEX**

**A MODA EM TOALHA**

**BLUMENAU S.C.**

# ELETRO-AÇO ALTONA S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Fones, 22-0422 e 22-0738

Caixa Postal, 30 — Telegramas: ELAÇO

ITOUPAVA SÊCA — BLUMENAU

SANTA CATARINA

---

FUNDIÇÃO DE AÇO

LAMINAÇÃO

FÁBRICA DE MÁQUINAS

FÁBRICA DE FERRAMENTAS

FORJARIA

FUNDIÇÃO ELÉTRICA